Entre a Hagiografia e a Crónica
A *História da Vida do Padre Francisco de Xavier* de João de Lucena

Jorge Gonçalves Guimarães*

O nome de João de Lucena associa-se estreitamente ao de S. Francisco Xavier. O ambiente sacral gerado em torno do corpo incorrupto do Apóstolo das Índias conduziria a um elaborado e longo processo de representação hagiográfica[1], dando origem uma das mais importantes legendas da história da santidade portuguesa. Tal legenda, em 1600, foi publicada numa monumental edição escrita significativamente em língua portuguesa por aquele pregador.

HAGIOGRAFIA DE S. FRANCISCO XAVIER

A colecção de memórias biográficas que se revela fundamental para a compreensão da representação hagiográfica e produção social da santidade de S. Francisco Xavier inicia-se no último quartel de quinhentos concluindo-se, no essencial, no final do século. Acompanha, assim, o ambiente gerado pelo concílio contra-reformista de Trento que, em 1563, na sua XXVª sessão, incentivou sobremaneira o culto e valimento dos santos e suas relíquias, então apresentados como intermediários entregando a Deus as suas orações em benefício dos homens. Ao mesmo tempo, descobre-se também neste período um notável esforço da Companhia de Jesus no sentido de afirmar a sua prioridade e primazia nessa outra conquista do Oriente que, espiritual e religiosa, viria a encontrar na representação santa da vida de S. Francisco de Xavier o seu principal "patrono".

Promovendo através da divulgação de verdadeiros *exempla* de piedade e virtude cristãs o engrandecimento das ordens religiosas, o género hagiográfico constituiu, uma vez que fornecia aos fiéis um contacto com o maravilhoso divino, um importante estímulo à imitação espiritual. Simultaneamente, fornecia subsídios e criava um ambiente propício para a beatificação e canonização dos biografados. Esta literatura hagiográfica tornou-se igualmente um poderoso instrumento na produção da identidade dos territórios católicos, encontrando-se mesmo em muitos exemplos textuais produzidos durante e após o período filipino, investimentos hagiográficos que se organizam em torno de uma preocupação maior: a formação de uma consciência quase "nacionalista", procurando fixar e sedimentar a ideia de uma santidade nacional que contribuía para a consolidação das estruturas identitárias de um reino de Portugal que, pela sua expansão, se acreditava possuir uma especial posição na *historia salutis* universal.

O padre João de Lucena não constitui excepção a esta tendência. A sua *História da Vida do Padre Francisco de Xavier e do que Fizerão na Índia os mais Religiosos da Companhia de Iesu* inscreve-se num esforço desenvolvido pela própria Companhia de Jesus no sentido de promover a Ordem e a figura dos seus fundadores, prestando especial atenção ao que ficou

* Mestre em História Política e Social; possui diploma de especialização pós-graduada em Estudos Asiáticos. Prepara, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, doutoramento sobre a presença da Ordem de Santo Agostinho na Ásia nos séculos XVI a XVIII. Tem vindo a investigar e a publicar sobre história religiosa e literatura hagiográfica.

M.A. in Social and Political History, with a post-graduate diploma in Asian Studies, currently preparing a Ph.D. thesis at Oporto University's Faculty of Arts, analysing the activities of the Order of St. Augustine in Asia in the 16th to 18th centuries, his work has focussed on religious history and hagiography.

conhecido como Apóstolo das Índias[2]. O ano de nascimento de S. Francisco Xavier, nesta obra, coincide arranjada e erradamente com o da largada da armada de Vasco da Gama para a Índia, comunicação que no plano simbólico associa directamente o jesuíta navarro à expansão do Império Português:

> "Mandado per elRei dom Manoel de gloriosa memoria, dom Vasco da Gama […] partio da praya de Restello, em Lixboa ao descobrimento da India, mares, & terras do Oriente, na entrada de Iulho, do anno de mil, & quatro centos, & nouenta, & sete. E no mesmo anno em ponto, como diziamos ao princípio d'esta historia, naceo em Nauarra o Padre Francisco Xauier. Porque se entendesse como o tinha Deos predestinado pera levar o Euangelho, & semear a fé naquellas vastissimas regiões, depois de aberto o caminho, & feito o campo per meyo das armas, & comercio dos Portugueses: & que por isso entam o criaua, quando juntamente mouia o coraçam d'el Rei de Portugal."[3]

Apesar destas construídas palavras, a obra de Lucena não representava, em bom rigor, um projecto inteiramente inédito. Pelo facto de nelas colher estreita inspiração, destacam-se as biografias de S. Francisco Xavier escritas pelos padres Manuel Teixeira e Horácio Torsellino. Assim, em 1579, Manuel Teixeira[4] concluiu o manuscrito em português que, em 1583, foi traduzido para italiano e, numa tradução castelhana de 1585, viria a receber o título de *Vida del bienaventurado Padre Francisco Javier, Religioso de la Compañía de Jesus*. Contudo, por indicação do Geral Aquaviva, o manuscrito não chegou a passar pelos prelos, dando lugar, em 1594, a uma outra biografia, da autoria de Torsellino[5], que ficaria na história como sendo a primeira obra impressa exclusivamente dedicada à vida e obra de S. Francisco Xavier[6].

JOÃO DE LUCENA: UMA BIOGRAFIA INEXISTENTE

"Nam he muito, o que acho escrito deste Padre, de quem se falla com grandes encómios"[7]. Lamentava-se assim António Franco da falta de elementos que alimentassem uma biografia digna de um autor como Lucena. Provavelmente por não ter estado associado a factos extraordinários da história nacional, pouco se sabe sobre a vida e trabalhos de João de Lucena, se bem que seja longa a lista dos que, do século XVII à contemporaneidade, teceram elogios aos seus escritos.

Natural de Trancoso e de origem fidalga, filho de Manuel de Lucena e D. Isabel Nogueira Saraiva, entronca provavelmente na linhagem do ilustre tradutor das obras de Cícero, Vasco de Lucena. A cronologia da sua vida antes de professar afigura-se algo incerta. Com base na análise de um sermão e nos obituários de S. Roque, Francisco Rodrigues fixou como data de nascimento o dia 27 de Dezembro de 1549[8]. Em 1565 ingressou na Companhia de Jesus, no colégio de Coimbra, contando então, esclarece o Padre António Franco[9], apenas 15 anos, elemento que durante bastante tempo fixou a data do seu nascimento no ano de 1550[10].

Estudou Teologia e Filosofia chegando a "ler" a segunda disciplina na Universidade de Évora. Em 1577, parte para Roma onde completou os estudos em Teologia e foi ordenado. Regressou a Portugal em 1581, recolhendo-se em Lisboa na igreja de S. Roque assumindo com elevados dotes a arte da oratória sagrada. Dessas qualidades dá-nos notícia António Franco:

> "Em todas as cidades, onde pregou foi ouvido com admiraçam, aplauso, e fruto dos ouvintes […]. Era ouvido com tanto gosto, que ouve occasiam, em que todo o auditório levantou a voz, que continuasse a pregaçam, a tempo, que parecia acabar."[11]

A função didáctica e moral com que durante mais de 20 anos exerceu o ministério da pregação são, de uma forma que importa cruzar com a prioridade dos dominicanos naquele domínio, salientados também na representação biográfica de Lucena. Exorna-se tanto a eficácia como o carácter edificante dos seus sermões, salientando-se mesmo o caso de um que, significativamente, mobilizou sentimentos e atenuou ódios, como se vê neste caso:

> "Quatro homens nobres entre si grandes inimigos, ouvindoo huma vês pregar, em prezença do auditório se fizeram logo amigos. Succedeo, que hum soldado, que ouvira esta pregação, e a ouvera as maons escrita, a leo diante de dous fidalgos, em quem por brio avia ódios mui radicados, foi tal o abalo, que nelles fés esta liçam, que ambos deixaram seus ódios."[12]

Apesar destes elogios, os seus sermões não passaram pelos prelos[13], circunstância que permite

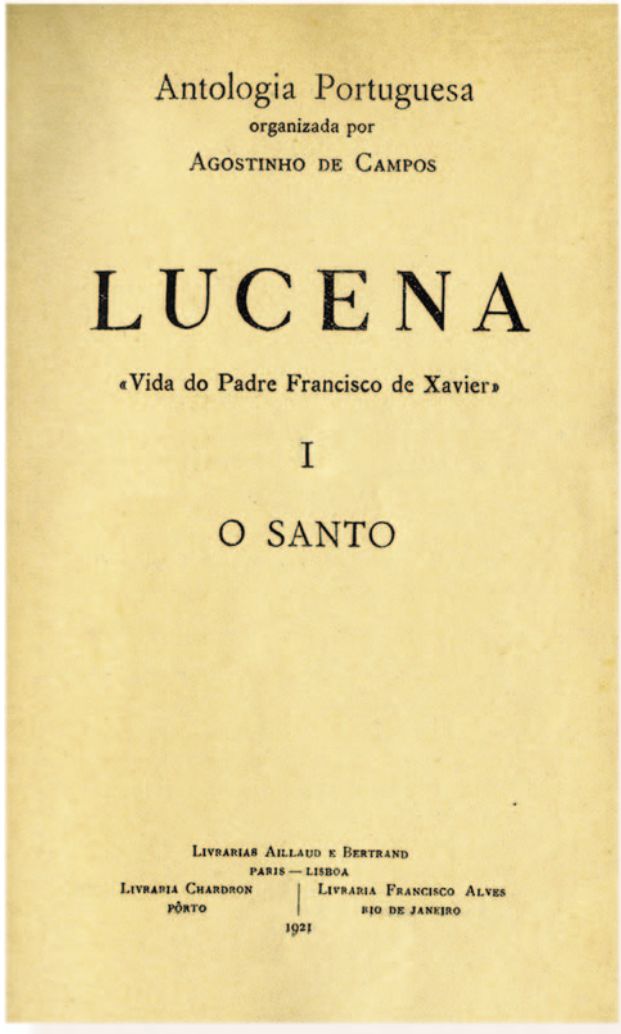
adivinhar que na sua maioria os textos são ricos em estilo, eloquência e exemplos piedosos, mas menos relevantes para o contexto político da época, como aliás deixa perceber o comentário de Francisco Rodrigues acerca da qualidades oratórias do pregador:

> "A linguagem sai-lhe genuinamente portuguesa, com o sabor e recorte clássico do século XVI, suave, rica e variada. O assunto sabe-o desenvolver com limpidez e calma. [...] É no discurso sentencioso, delicado nos pensamentos, elevado na doutrina e dirige toda a exposição a comover as almas e movê-las à virtude, e acende-se para esse efeito, de quando em quando, com maior viveza e calor a sua palavra eloquente."[14]

Todavia, tudo indica que só aparentemente o discurso político esteve ausente do sermonário de Lucena. Além da simpatia que, como veremos, deixa claramente transparecer pela casa de Bragança, acompanhando outros padres da Companhia, terá tecido com alguma liberdade críticas à governação filipina, justificando-se desta forma a circunstância de, em 1594, juntamente como padre Francisco Cardoso, ter sido proibido de pregar na Capela Real por pressão da corte madrilena junto do Provincial jesuíta[15]. Por fim, depois de prolongada doença, João de Lucena viria a morrer a 2 de Outubro de 1600, contando então 51 anos de idade.

A *HISTÓRIA DA VIDA DO PADRE FRANCISCO XAVIER*

Não são também abundantes os elementos disponíveis que informem acerca da cronologia da obra que João Lucena consagrou à "história" de S. Francisco Xavier. Seguindo Schurhammer[16] na curta biografia dedicada a Lucena, o autor esclarece que a sua memória xavieriana foi encomendada em 1595 e terminada em 1599. A primeira data parece deduzir-se, por um lado, do facto de 1594 marcar o fim da sua actividade como pregador, por outro, da utilização que Lucena faz da *Vida de S. Francisco Xavier* escrita por Torsellino e publicada em 1594 e 1596; já a do termo infere-se das datas das licenças que, apenas por erro tipográfico, foram datadas de 1600, ano de edição. Uma primeira referência que se colhe no interior da obra revela-se importante para reforçar aquele limite cronológico inferior: no final do Livro II, as alusões a Matias de Albuquerque, vice-rei da Índia entre 1591 e 1597, e à


Antologia Portuguesa
organizada por
AGOSTINHO DE CAMPOS

LUCENA

«Vida do Padre Francisco de Xavier»

I

O SANTO

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA
LIVRARIA CHARDRON | LIVRARIA FRANCISCO ALVES
PÔRTO | RIO DE JANEIRO
1921

João de Lucena, " Vida do Padre Francisco de Xavier", edição de Agostinho de Campos, 1921.

acção de André Furtado de Mendonça contra o rajá de Jafanapão, se bem que suprimindo a violência do episódio[17], revelam que a obra começou a ser escrita depois de 1591[18]. Outros dados, convocados mais como recurso retórico do que perseguindo estratégias historiográficas, visando afastar o elemento "irreal", colhem-se no decurso texto. Assim, no Capítulo 21 do Livro V: "Estando, como estou, escrevendo isto no ano de 1597, a dous do mês de Dezembro, que é o mesmo dia em o qual Deus nos levou, desta Sua Companhia da terra para a do Céu, a bentíssima alma do P. Francisco"[19]. Já no segundo capítulo do último Livro pode ler-se uma indicação situando a redacção no dia 21 de Maio de 1598[20].

DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

Lucena foi, segundo esclarece, incumbido de redigir uma "vida" de S. Francisco Xavier que, como o próprio título e estrutura da obra deixam perceber, integrasse os sucessos da Companhia de Jesus na conquista espiritual dos territórios asiáticos, demonstrando simultaneamente a superioridade dos conhecimentos que os padres jesuítas tinham da geografia, política e culturas daquelas paragens:

> "Este foy o Padre Mestre Francisco Xauier, hum dos dez companheiros de nosso P. Inácio de Loyola, & primeiro Prouincial desta minima Companhia de Jesus no Oriente, a quem se deue, depois da diuina graça, tudo o que nas mesmas partes he feito per ella, na conuersam dos infieis, doutrina, & boa criaçam da nova Christandade. Pola qual rezam à vida, & obras daquelle grande seruo do Senhor era também deuido assi o título, como a principal parte desta história, de que nòs aceitamos per obediência, o trabalho, porque outros colhessem o fruyto."[21]

Apesar de, rigorosamente, estarmos perante uma hagiografia, a *História da Vida do Padre Francisco de Xavier* é também uma crónica que, representando um quadro de dilatação da Fé entendida como prolongamento necessário da expansão portuguesa, oferece um retrato dos missionários e respectivos *exempla* como sendo um claro indício a atestar o "destino português" e, concomitantemente, da própria Companhia de Jesus, destacando-se aqui, no plano simbólico, o facto de ter sido esta a primeira obra que a Companhia promoveu em língua portuguesa. Paralelamente, como o atestam as cartas e crónicas jesuíticas dos séculos XVI e XVII, esta obra de Lucena inscreve-se nesse grande esforço levado a cabo pelos inacianos no sentido de se afirmarem pela cronística e pela historiografia, sustentando que provinha de um "plano divino" a sua prioridade na evangelização dos territórios asiáticos. Como ilustrativo desta estratégia, recorde-se o conhecido *Oriente Conquistado a Jesus Cristo pelos Padres da Companhia de Jesus*, do padre Francisco de Sousa, obra em que, convocando a autoridade de um cronista trinitário, frei João de Figueiroa, se procura ilustrar através das premonições daquele que tem sido apresentado como primeiro mártir da missões, frei Pedro da Covilhã, morto na Índia em 7 de Julho de 1498, o papel fundamental que haveria de caber à Companhia de Jesus[22].

Primeiro religioso a entrar na Índia, onde morreu de forma violenta, a legenda de Pedro da Covilhã revela-se ainda fundamental por recuperar a noção de martírio tão em voga durante os primeiros séculos do cristianismo. Com as viagens das descobertas e expansão ibéricas, gerando esse agitado labor de religiosos ocidentais na "conquista das almas", desenha-se um novo modelo de santidade em que a dimensão do martírio, seja pela morte violenta, seja pela morte inscrita num contexto de múltiplos esforços e trabalhos de evangelização, é característica fundamental dos religiosos que se empenharam nos espaços da expansão portuguesa. Esta dimensão de martírio chega mesmo a frequentar o vocabulário epistolar de Francisco Xavier, como se ilustra em passagem de uma carta sua remetida ao padre Simão Rodrigues, escrita em Cochim a 2 de Fevereiro de 1549:

> "*Creo que aquellas islas del Moro han de engendrar muchos mártires de la Compañía, de manera que en adelante se han llamar no islas del Moro, sino de los mártires. Así que los de la Compañía que desean dar su vida por Jesucristo, anímense y alegrense, pues tienen ya preparado el seminário de los martírios, donde satisfacer sus ânsias.*"[23]

A valorização desta forma de ascese pelo martírio invade igualmente a economia retórica da obra de João de Lucena. É o que se encontra, entre outros exemplos textuais, no relato da decisão de Inácio de Loyola em colocar-se ao serviço do Papa "pera segundo sua Apostolica disposiçam se empregarem até a morte no serviço da Igreja Catholica"[24]. Retórica que se pode também recuperar ainda com mais nitidez na empolgada narrativa do martírio de um convertido em Ceilão:

> "Na ilha de Ceilam apareceram logo flores, nam somente de christandade, mas de nouo martyrio. Ca per industria, & santa persuasam de hum Português, que ali negociaua, tratou o filho mais velho do Rey de se fazer Christam, soubeo o pay, matouo por isso, recebo o igualmente ditoso, & valeroso mãcebo o bautismo do sangue com o memso prazer, & aluoroço, com q̃ pretẽdia o da agoa. Entẽdẽ doo assi o Português, q̃ em vida o insinaua, como a cathecumeno, hõrouo, & sepultouo na morte como a martyr; seruindose Deos nosso Senhor de approuar, & autorizar com

S. Francisco Xavier, in João de Lucena, *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*, 1.ª ed., 1600.

> milagrosos sinais a fé de ambos os dous: a do discípulo em morrer pólo que ouuira ao mestre, a do mestre em celebrar o martyrio do discípulo. Appareceo sobre asepultura hũa fermosa cruz do tamanho della, aberta, & formada na memsma terra como se a lauraram per toda a arte. Foy vista do pouo com espanto geral, & grande magoa dos Mouros, & algũs Gentios mais obstinados; os quais nem podendo ter os olhos em tanta luz, a gram pressa cobriam, & entupiram de terra o glorioso sinal; mas logo tornou a brotar sobre ella, como se os sagrados ossos quebrantados, & enterrados pola cruz, foram viuas raízes da mesma cruz; como, se o santo corpo dissera triunfando, Podestesme tirar a vida temporal, mas nam a cruz fonte da eterna; como se a vozes mais altas, & suaves, que as de Abel, bradara nam pola vingança de seus matadores, mas polo perdam, & saluaçam de todos, o qual está na santa cruz."[25]

Além da valoração do martírio, este longo excerto é significativamente importante por revelar, já uma estratégia verticalista de conversão, pelo topo da pirâmide social, já a forma como a economia textual de Lucena pretende mobilizar, em plena e articulada conjunção de esforços, o elemento religioso e o comercial, assinalando no espaço cronístico uma estreita relação entre as movimentações evangelizadoras e as dinâmicas dos escambos mercantis. Recorde-se que aquele importante segmento social de comerciantes portugueses em circulação pelo mundo asiático nem sempre alimentava grande simpatia pelo discurso moralizante dos que perseguiam a conquista das almas, como o permitem adivinhar as circunstâncias de relativo desinteresse quanto à morte de Xavier em Sanchoão, às portas do grande Império do Meio[26].

Ultrapassando o que possa haver de retórico no panegírico da figura de S. Francisco Xavier, encontra-se também em Lucena uma dimensão que se diria – passe o anacronismo – "nacionalista", levando mesmo José Feliciano de Castilho a afirmar: "Ao passo que, em todos os capítulos, celebra a nação portugueza, não lhe escapa em toda a obra uma única phrase por Castella"[27]. Apesar de ter sido iniciada já em pleno reinado de Filipe II, a obra é dedicada a D. Catarina de Bragança nos seguintes termos:

> "As rezões, que eu tenho pêra offerecer a V. A. os fruytos de meus estudos, sam tam sabidas, que me desobrigam de a dar deste atrevimento. Porque por parte da nossa minima Companhia, demais della ser própria herança, que V. A. ouue dos Reis dom Ioam, dom Sebastiam, dom Anrique, tios, & sobrinho de Vossa Alteza; V. A. com as grandes m.m. que continuamente lhe faz, a tem feito toda sua: e quanto ao meu particular, só há em que por os olhos no em q̃ V. A., & os excellentissimos Duques Senhores desta casa em mĩ fizeram, e poseram."[28]

Ainda que no texto não se encontre qualquer crítica à governação Filipina, descobrem-se significativas referências louvando personalidades pertencentes aos Bragança. Refira-se, com contornos de verdadeiro D. Constantino de Bragança a polémica que girava em torno de um dente de bugio venerado por populações autóctones, esclarecendo Lucena que o desfecho permitia ver que "que nam tinha o animo menos real que o sangue"[29]. Já no penúltimo Livro da obra, desta vez servindo-se da pena de Alexandre Valignano, dá ênfase aos sucessos da cristandade no Oriente, atestando que, para além da intervenção divina tudo era devido

> "á santa memoria dos gloriosos Reis dom Ioam o III. & dona Catherina, sua molher, que governando seus reynos cõ tanto zelo, & prouidencia, deram principio á extirpaçam das antigas desordẽs, reformando, & ajudando ainda as mesmas religiões, & pondo, & deixãdo seus vassallos n'uma noua forma de vida, & costumes verdadeiramente christãos."[30]

Sendo conhecidas as ligações da família de Lucena à casa de Bragança – bastando recordar que seu pai foi ouvidor de Barcelos e criado dos duques de Bragança D. Teodósio e D. João, e que Afonso de Lucena, seu irmão, para além de secretário de D. Catarina, foi um dos juristas conimbricenses responsáveis palas conhecidas *Alegações de Direito* (1580) – não é de estranhar esta defesa daqueles que contribuíram para a Restauração cerca de 40 anos mais tarde.

Mais importante ainda do que aquele discurso, veladamente pró-restauracionista é a apresentação de S. Francisco Xavier como principal actor no patrocínio da expansão de um império português cristão, situação desaguando ora numa identificação simbólica geradora de uma "nacionalidade" portuguesa, ora na ideia de uma estreita comunicação entre a missão da

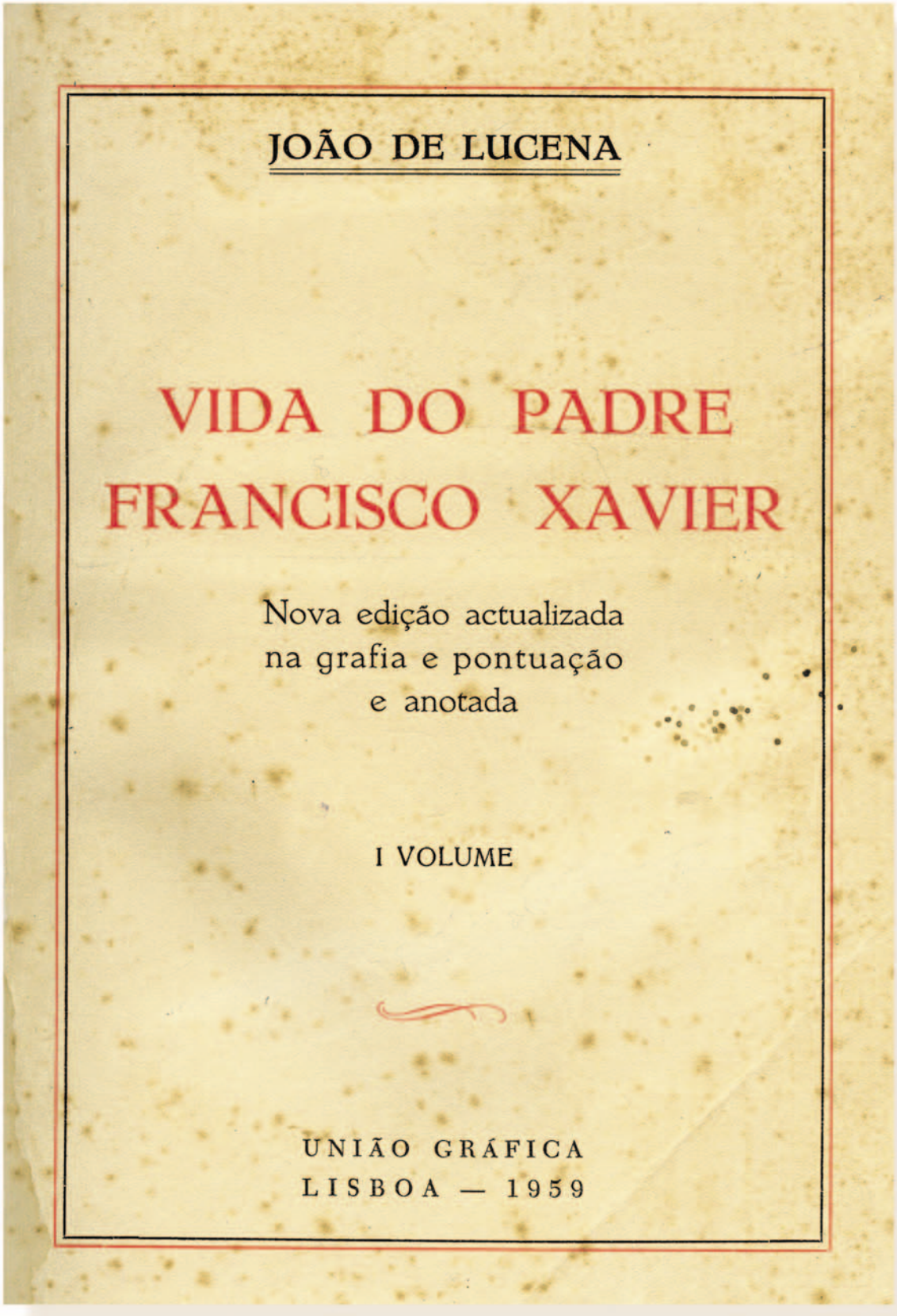
João de Lucena, " História da Vida do Padre Francisco de Xavier", edição fac-similada de 1952.

Companhia de Jesus no Oriente e a expansão do império português através da conversão dos "gentios". Fixando uma espécie de plano divino para a conversão dos espaços asiáticos, recorde-se a já assinalada associação entre o nascimento de Xavier e a partida da armada de Vasco da Gama, ligação que mais tarde a imagética parenética se encarregaria de levar bem mais longe, chegando mesmo, como na retórica sermonária de Jerónimo Ribeiro, a explicar a própria existência da Companhia pela obrigação de desenvolver os esforços evangelizadores de Xavier, personagem certamente detentora de atributos divinos com o "mostrão o império dos mares, que adoçou"[31]. Durante a conjuntura da Restauração, desde 1640, foram inúmeros os pregadores que, perseguindo estratégias políticas identitárias, mobilizaram para a nova aclamação patrocínios ou especiais protecções de santos ou religiosos referenciais, gerando dessa forma devoções políticas cujos ecos, em muitos casos, ainda hoje se fazem sentir. Também S. Francisco Xavier, através daquela estratégia de associação cronológica, destacando o facto da aclamação ter ocorrido, em Lisboa e em Vila Viçosa, na véspera e no dia do seu nascimento, não escapou a esse discurso parenético[32].

Em 1614, referindo-se ao esforço da Companhia, no sentido de favorecer o registo escrito dos seus sucessos missionários na Ásia, Sebastião Gonçalves esclarece o edifício filológico da história da vida de S. Francisco Xavier, situando os seus alicerces na obra do padre Manuel Teixeira:

> "Muito devemos ao muito reverendo em Christo Padre Everardo Mercuriano, quarto Geral da nossa Companhia, o qual mandando por visitador destas partes, no anno de 1574, ao reverendo Padre Alexandre Valignano, lhe encomendou encarecidamente fizesse a devida diligencia sobre as cousas da nossa Companhia, o que elle fez com todo o cuidado, tomando as informações dos Padres Anrique Anriques e Francisco Peres, que comunicarão com o B. P. Francisco. Das quaes o P. Manoel Teixeira, junta a noticia que tinha (por alcançar ainda ao B. P. Francisco), fez dous tratados, hum té o anno de cincoenta e dous, e outro té o de setenta e quatro, os quaes forão enviados ao muito reverendo em Christo P. Cláudio Aquaviva, 5º Geral da Companhia de Jesus.
>
> Destes tratados se ajudou o P. João Petro Mafeo, o P. Horácio Torselino, o P. João de Lucena, todos de nossa Companhia. […] Ultimamente o P. João de Lucena, ajuntando ao que já andava impresso muitas coisas, escreveo com grande erudiçam hum grande tomo, que muito mor luz que os passados."[33]

A Manuel Teixeira se deve, assim, o que de fundamental Torsellino e Lucena escreveram sobre S. Francisco Xavier. Se o pregador de Trancoso a ele se não refere explicitamente, isso não significa a inexistência de uma estreita inspiração, visto que, em regra, apenas cita os autores que lhe serviram de fonte quando, em absoluto, tem necessidade de apresentar um argumento de autoridade. É o que acontece, por exemplo, com as alusões que faz de escritos de Pedro Maffei, em nota marginal[34], Pedro de Ribadeneyra[35], autor de uma *Vida do P. Inácio de Loyola,* e Alessandro Valignano. No entanto, Lucena não se limitou a colher


JOÃO DE LUCENA

VIDA DO PADRE FRANCISCO XAVIER

Nova edição actualizada na grafia e pontuação e anotada

I VOLUME

UNIÃO GRÁFICA
LISBOA — 1959

desses e doutros antecessores[36] os elementos que informam a sua *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*. Outro sim, juntou "ao que já andava impresso muitas coisas"[37], salientando o padre Francisco de Sousa tratar-se de "algumas cartas particulares, & dos processos tirados para a canonização de S. Francisco Xavier"[38], ou seja, outras fontes cuja circulação era certamente diminuta por se encontrarem na forma manuscrita. As inquirições feitas na Índia em 1556 forneceram-lhe certamente elementos importantes, muito embora, com o fim de enaltecer o santo, refira que

> "posto que sejam a maior, & melhor parte do nos diremos, nam sam do que fez o Padre Mestre Francisco, senam o menos."[39].

Do próprio Xavier terá colhido informações de um total redondo de 32 cartas[40]. São, de facto, várias as referências a cartas ou testemunhos orais que alimentam as estratégias historiográficas de Lucena. Se, por vezes, a fonte é referenciada de forma clara, em outras ocasiões surgem expressões vagas como, por exemplo, "cartas & infromações que temos"[41], ou "hum homem Portuguez; a quem por se achar presẽte [no Japão], ao que se referia, e por sua muita idade quãdo no lo contaua"[42]. Neste último caso refere-se, provavelmente, a Fernão Mendes Pinto, cuja obra embora impressa em 1614 estava já concluída antes do fim de 1583, ano em que morreu o autor da *Peregrinação*. Por isso, com excessivo zelo de erudição – apoiando-se não raras vezes no bibliógrafo francês Ferdinand Denis[43] e no célebre *Dicionário* de Inocêncio Francisco da Silva[44] – José Feliciano de Castilho[45] compulsou as obras de Mendes Pinto e de Lucena, encontrando não só grande semelhança entre os títulos de alguns capítulos, como assinalável proximidade entre várias passagens nas duas obras, se bem que no segundo enriquecidas pela notável eloquência do estilo clássico.

AS EDIÇÕES DA *HISTÓRIA*

Tanto pelo seu valor literário, como pela sua riqueza enquanto documento hagiográfico fundamental na organização da legenda de S. Francisco Xavier – ainda que, como se referiu, mobilizadora dos trabalhos de Teixeira e Torsellino –, a obra de João de Lucena conheceu várias edições e alimentou algumas antologias. Apoiando estratégias com vista à beatificação e canonização de Francisco Xavier, assinalam-se várias traduções: em italiano, por Ludonico Mansoni, em 1613[46] e em espanhol pela mão de Alonso de Sandoval, em 1619[47]. Manuel Severim de Faria, no seu discurso segundo, louva os méritos de João de Barros, frei Luís de Sousa e João de Lucena, de cuja obra afirma "traduzirão os Italianos, Franceses, e Castelhanos, em suas línguas, e também anda já na Latina"[48]. Contudo, não se encontra qualquer notícia de ter havido tradução integral nas línguas francesa ou latina, sendo de admitir alguma confusão, por parte de Severim de Faria, entre a obra de Lucena e a de Torsellino, esta sim escrita originalmente em latim. Provavelmente, dada a grande proximidade na estrutura das duas obras, o exagero de Severim de Faria poderá dever-se ao facto de ter contactado com uma das várias edições de Torsellino (1607, 1610, 1614, 1616).

A primeira edição da *História da Vida do Padre Francisco de Xavier* veio a público em 1600, num único volume, saindo dos prelos de Pedro Craesbeeck. Em 1788, sob a orientação de Bento José de Souza Farinha, foi publicada segunda edição em quatro volumes, sendo impressa na tipografia de António Gomes. Sublinhe-se que o título desta reedição se adaptou à circunstância de S. Francisco Xavier estar já canonizado: *História da Vida do Padre São Francisco Xavier*. Nesta segunda edição foram suprimidas, para além de uma estampa e uma "taboada das principaes cousas desta historia", as referências clássicas ou bíblicas que, com a função de estimular a imaginação do leitor, acompanhavam, nas margens, o texto da edição estampada ainda em vida de João de Lucena, elementos que só viriam novamente a público com a edição fac-similada prefaciada por Costa Pimpão, em 1952, inserida nas comemorações do quarto centenário da morte de S. Francisco Xavier. Ainda nos finais do século XIX, em edição não datada, José Silvestre Ribeiro e José Feliciano de Castilho trouxeram a público, em dois volumes, uma antologia seguida de uma análise crítica[49], prestando excessiva atenção, não sem algum anacronismo, ora à análise sintáctica e estilística da obra, ora à demonstração de um eventual plágio[50] de Lucena relativamente a obras que utilizou como fonte.

A seguir, em 1921, pela mão de Agostinho de Campos, também sob a forma de antologia, o texto de Lucena é novamente oferecido ao público, desta vez a partir da segunda edição, descobrindo-se um estudo introdutório muito orientado no sentido de oferecer

João de Lucena, " Vida do Padre Francisco Xavier", vol. I, edição de 1959.

uma reacção por vezes crítica ao texto de Castilho para o segundo volume da famosa *Livraria Clássica*, publicada em Paris nos finais do século XIX. Em 1959 e 1960, embora desconhecendo-se o nome do seu responsável, é novamente publicado o texto integral de João de Lucena em dois volumes, numa versão modernizada e anotada que mereceria mesmo algumas críticas de Schurhammer pela tradução deficiente de alguns topónimos[51]. Finalmente, já em 1989, integrando a colecção "Biblioteca da Expansão Portuguesa", sob a direcção e com um comentário final de Luís Albuquerque, com texto modernizado por Maria da Graça Perdigão, foi oferecida à estampa a última edição da *História da Vida do Padre Francisco Xavier*. Apesar destas edições, não estaria de todo desajustado o comentário de José Agostinho de Macedo quando afirma: "Se os Francezes tivessem feito aquelle livro, teria mais edições do que uma folhinha, ou de porta ou de algibeira, e há quasi trezentos annos tem tido duas em Portugal"[52].

A ENCERRAR

Na esteira de memórias anteriores, podemos entender as notícias, eventos e exemplos edificantes da vida e obra religiosas de S. Francisco Xavier compilados por João de Lucena como uma constelação coerente de esforços que apontam para um objectivo maior: a "conquista espiritual" do Império do Meio, emergindo das dificuldades de um debate teológico com os bonzos do reino Yamaguchi, altura em que o Apóstolo do Oriente foi confrontado com um argumento último, sugerido já na representação organizada por Fernão Mendes Pinto:

> "como da china lhe vierão aquellas leys […] e que havia seiscentos anos que tinhaõ aprovadas por boas, se não desdiriaõ por nenhum caso se não quando soubessem que elle convencera os Chins com as próprias razoes com que a elles lhes fizera confessar ser esta ley boa e verdadeira."[53]

Deste modo, numa economia textual situada entre o género hagiográfico e a crónica, Lucena transforma aquele interesse de Xavier pelo território chinês num elaborado projecto jesuíta que é visto como um prolongamento dos planos também evangelizadores da expansão portuguesa na Ásia. Repare-se que se a origem navarra de Francisco Xavier se dilui progressivamente em benefício de uma "nacionalidade lusa", também aquele grande projecto evangelizador, como é sugerido pelo apoio do vice-rei D. Afonso de Noronha à embaixada de Diogo Pereira, agita-se fundamentalmente como um projecto português. Por isso, as dificuldades sentidas por Xavier nos seus derradeiros anos de vida face aos obstáculos colocados pelo capitão de Malaca, D. Álvaro de Ataíde, ao envio de uma "embaixada" também religiosa ao império chinês, o que podia colidir com certos interesses paralelos aos da coroa[54]. Seja como for, batendo-se por esse programa de converter o grande Império do Meio – encerramento maior da sua movimentação religiosa oriental – Francisco Xavier haveria de encontrar a morte em Sanchoão, episódio síntese da sua vida, espécie de martírio depois gerando a invenção do seu corpo incorrupto e santo multiplicando-se em milagres e santuários fundamentais na produção da figura de um patronato exemplar das missões católicas no Oriente.

Perseguindo estratégias historiográficas sustentadas na epistolografia jesuíta, na autoridade da tradição cronística e nas colecções documentais de S. Roque, Lucena procurou fixar uma narrativa o mais próxima possível da "realidade". Consolidava-se dessa forma um caminho já iniciado para a beatificação e canonização de Xavier, mas, acima de tudo, reagia-se aos esforços que as ordens mendicantes faziam para penetrarem na China e no Japão, afirmando-se, por um lado, a prioridade e originalidade do projecto jesuíta na evangelização e, por outro, a superioridade tanto do seu conhecimento e domínio de culturas asiáticas quanto da qualidade do seu debate teológico. RC

NOTAS

1 Cf. Ivo Carneiro de Sousa, "Entre Etnocentrismo e Apologética. Discutindo a Historiografia Religiosa de Macau", in *Administração*, n.º 68, vol. XVIII, 2005, p. 730.

2 Desta preocupação dá-nos testemunho Sebastião Gonçalves através da notícia relativa à actuação, em 1574, do Geral Everardo Mercuriano IV e do Visitador Alessandro Valignano. Ver nota 33.

3 João de Lucena, *História da Vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizerão na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*. Reprodução fac-similada com prefácio de Álvaro J. da Costa Pimpão, vol. I, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952, pp. 26-27.

4 Natural de Bragança, nasceu em 1536. Em 1551 entrou para a Companhia de Jesus, sendo ordenado na Índia em 1560, onde, entre 1569 e 1572, foi reitor do colégio de Cochim e, entre 1573 e 1574, vice-provincial. Morreu em Goa a 19 de Março de 1590.

5 Horácio Torsellino nasceu em Roma em 1544. Entrou para a Companhia de Jesus em 1562. Morreu a 6 de Abril de 1599.

6 Georg Schurhammer, *Francisco Javier. Su vida y su tiempo*, vol. III, Pamplona, Gobierno de Navarra/Compañía de Jesus/Arzobispado de Pamplona, 1992, pp. 594-596; P. Manuel Teixeira, *Vida del bienaventurado Padre Francisco Javier, Religioso de la Compañía de Jesus*. Edición preparada por el P. Ramon Gaviña, S. I., Bilbao, Editorial El Siglo de las Missiones, 1951; Horatii Tursellini, *De Vita Francisci Xaverii*, Romae, Typographia Aloysij Zannetti,1596. A edição de 1596 trata-se, em bom rigor, de uma segunda edição destinada não só a corrigir os muitos erros tipográficos da primeira, como a integrar nova documentação que entretanto havia chegado às mãos do autor (cf. Georg Schurhammer, *op. cit*., p. 602).

7 António Franco, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal,* Tomo I, Évora, na Officina da Universidade, 1719, p. 784.

8 Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência em Portugal*, tomo 2, vol. 1, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1938, p. 484, nota 2.

9 António Franco, *op. cit.,* p. 784.

10 Agostinho de Campos, "Introdução", in João de Lucena, *História da Vida do Padre Francisco de Xavier...*, vol. I, Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1921, p. IX; Álvaro J. da Costa Pimpão, "Prefácio", in João de Lucena, *op. cit.*, vol. I, pp. VII-VIII.

11 António Franco, *op. cit.*, pp. 784-785.

12 António Franco, *op. cit.*, p. 785.

13 Francisco Rodrigues identificou, na forma manuscrita, embora sem esclarecer se se trata de autógrafos de Lucena os seguintes títulos: *Sermão da Ceia do Senhor* (dois textos), *Sermão da Dominga, Oitava de Santiago, Sermão de S. João Evangelista* (pregado em 1594, único acerca do qual se conhece a cronologia) *Sermão do Juízo Final* (Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência em Portugal*, tomo 2, vol. 1., p. 481, nota 2).

14 Francisco Rodrigues, *op. cit.*, tomo 2, vol. I, pp. 481-482.

15 Francisco Rodrigues, *op. cit.*, tomo 2, vol. II, p. 441.

16 Georg Schurhammer, *op. cit.*, p. 605.

17 André Furtado de Mendonça, depois de submeter o reino à soberania portuguesa, degolou largas centenas de muçulmanos, situação que não foi vista com bons olhos pelo vice-rei que acabou por lhe retirar o comando da armada.

18 João de Lucena, *op. cit*., vol. I, p. 150.

19 *Ibidem*, p. 352.

20 *Ibidem*, vol. II, p. 677.

21 *Ibidem*, vol. I, pp. 3-4.

22 "O claríssimo Martyr de Christo Fr. Pedro da Covilhãa, Portuguez, Prior do Convento de Lisboa, que no descobrimento da Índia foy companheyro, e confessor de Vasco da Gama no anno de mil e quatrocentos e noventa e sete, foy o primeyro que de pois do Apostolo São Thomè celebrou o sacrifício da Missa naquella remotíssima Região Oriental, e nella pregou o Euangelho de Christo, e derramou o sangue em tistimunho da doutrina Euangellica, e quando os gentios o assetavão rompeo nestas palavras aos sete de Julho do anno de mil quatrocentos noventa e oyto. Brevemente se levantarà na Igreja de Deos huma Religião de Clérigos debayxo do nome Jesu, e hum dos seus primeiros Padres levado por divino instinto penetrarà até a mais remota região da Índia Oriental, e com as suas pregações a converterà à Fè Catholica" (Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado a Jesus Cristo pelos Padres da Companhia de Jesus*. Introdução e revisão de Mendes Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão, 1978, p. 427).

23 "Al Padre Simón Rodrigues, Portugal. Cochín 2 de febrero 1549", in *Cartas y Escritos de San Francisco Javier*, Madrid, La Editorial Católica, 1968, p. 301.
Os episódios de perseguição aos cristãos no Japão, iniciados em 1587, que culminariam, em 1614, na ordem de expulsão dos missionários gerariam uma apreciável colecção de relações de martírios que, na forma manuscrita ou impressa, se destinavam à circulação quer no meio religioso quer no universo social secular, alimentando desta forma devoções e novas formas de piedade cristã.
A valorização teológica do martírio assume tal importância nesta época que António Vieira, no S*ermam da Bulla da Santa Cruzada*, chega mesmo colocá-lo no mesmo patamar do baptismo: "Entre todos os Sacramentos só o Baptismo, & o Martyrio (que também he Baptismo) de tal modo purificão a alma, & a absorvem de toda a culpa, & pena, que no mesmo põto ao Martyr por meyo do sangue próprio, & ao Baptizado por meyo da agua Baptismal se lhes abrem as portas do Ceo, & se lhes franquea a vista de Deos." (Pe. António Vieira, *Sermoens*, I.ª Parte, Lisboa, na Off. de Ioam da Costa, 1679, cl. 1021).

24 João de Lucena, *op. cit.,* p. 21.

25 *Ibidem*, pp. 127-128.

26 Cf. Rui Manuel Loureiro, "Origens do Projecto Jesuíta de Conquista Espiritual da China (1549-1552)", in Jorge M. dos Santos Alves (coord.), *Portugal e a China. Conferências no III Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI-XIX)*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, p. 144; Ivo Carneiro de Sousa, *op. cit.*, pp. 729-731.

27 José Silvestre Ribeiro, *Padre João de Lucena: excerptos seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras…e outra memoria suplementar sobre os mesmos assumptos por José Felliciano de Castilho e Noronha*, Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, [1868], vol. 2, p. 112.

28 João de Lucena, *op. cit.*, vol. I, p. 2 (não numerada).

29 *Ibidem*, p. 148.

30 *Ibidem*, vol. II, p. 754.

31 *Sermam do Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier que pregou no Collegio de S. Antam o P. Mestre Hieronymo Ribeiro da Companhia de Iesus*, Coimbra, na Off. de Ioseph Ferreyra, 1686, p. 7. Seguindo as informações de Barbosa Machado e Inocêncio foi feita do mesmo sermão uma edição em 1645. Para além desta, lográmos identificar ainda uma edição de 1667 e outra de 1664, circunstância deixando adivinhar uma circulação considerável.

32 "Aos 9 [de Dezembro de 1640] que foi o 2º Domingo do Advento pregou assim mesmo nesta Igreja [do Colégio de Coimbra] o P. Bento de Siqueira pregador do Collegio. E como neste dia se celebrasse aqui a festa de S. Francisco Xavier, por estar empedido o seu próprio dia, e se transferir pêra este que era o de sua oitava. Ponderou o pregador, madura e gravemente (o que também não passarão os mais pregadores em silêncio) quanto se devia atribuir a intercessão de tam grande Santo a merce que Deus fizera a estes Reinos em lhes restituir Rey natural, pois na vespera de seu sagrado dia foi

acclamado e declarado em Lisboa e nesse proprio o foi em Villa Viçoza, aonde pela manham no tempo da missa chegou a nova do que em Lisboa se tinha feito. E na verdade não podemos deixar de reconhecer esta grande mercê como dada por meio do glorioso Apostollo da Índia oriental S. Francisco Xavier porque quem cá na vida foi tam solicito do bem das conquistas deste Reino, de crer hé o fosse no Ceo do bem do próprio Reino alcançandolhe de Deos este favor" (*Demõstraçoens que fez o Collegio da Companhia de Jesu e das Artes da cidade e Universidade de Coimbra pela feliz aclamação do muy Alto e muy poderoso Rey e Senhor nosso natural D. João o 4º de Portugal*. *Apud* João Francisco Marques, *A Parenética Portuguesa e a Restauração. 1640-1668*, vol. II, Lisboa, INIC, 1989, pp. 534-535).

Significativo foi também o sermão que o jesuíta Simão da Cunha pregou em Macau em 15 de Agosto de 1642: "Grande parte deste merecimento tem o glorioso Apostolo da Índia S. Francisco Xauier, pois em seu dia, chegou a noua do que se tinha feito em Lisboa com a sua ajuda, como estava aleuantado, reconhecido, & acclamado por todos por Rey de Portugal sem hauer contradiçaõ, & asssim a Senhora Dona Luiza de Gusmaõ digníssima Rainha do reyno de Portugal, virando-se pêra o Rey, que ambos estauaõ na nossa Igreja, ouuindo a missa da festa deste Sancto, disse: Graças a Deos, louuores A Sam Francisco Xauier, que entramos em seu dia nesta Igreja com Excellencia; & agora por merecimentos deste Sancto sahimos della com titulo de Magestade" (*Apud* João Francisco Marques, *A Parenética Portuguesa e a Restauração...*, p. 135).

33 Sebastião Gonçalves, *Primeira parte da Historia dos religiosos da Companhia de Jesus, e do que fizeram com a divina graça na conversão dos infiéis a nossa sancta fee catholica nos reynos e provincias da India Oriental*. Ed. preparada por J. Wicki, S. J., vol. I: *Vida do B. P. Francisco Xavier e Começo da História da Companhia de Jesus no Oriente*, Coimbra, Atlântida, 1957, pp. 8-10.

34 João de Lucena, *op. cit.*, vol. II, p. 476.

35 *Ibidem* p. 675.

36 Refiram-se, entre outros, como nomes mais sonantes que sustentam a escrita de Lucena, os de Marco Pólo, António Galvão, João de Barros e frei Gaspar da Cruz.

37 Sebastião Gonçalves, *op. cit.*

38 Pe. Francisco de Sousa, "Prefaçam isagogica com advertências necessárias aos que lerem", in *Oriente Conquistado a Jesus Cristo...*, p. 12.

39 João de Lucena, *op. cit.,* vol. I, p. 5.

40 Álvaro J. da Costa Pimpão, "Prefácio", in João de Lucena, *op. cit.,* vol. I, p. XII, nota 11.

41 João de Lucena, *op. cit.*, vol. I p. 130.

42 *Ibidem*, vol. II, p. 511.

43 José Silvestre Ribeiro, *Padre João de Lucena: excerptos seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras…*, vol. 2, p. 139.

44 *Ibidem*, p. 146.

45 *Ibidem*, pp. 146-173.

46 *Vita del B. P. Francesco Xavier della Compagnia di Giesu* / composta dal P. Giovanni di Lucena in língua portughese; e transportata nell'italiana dal P. Ludonico Mansoni della medesima Compagnia. Roma: per Bartolomeo Zannetti, 1613.

47 *Historia dela vida del P. Francisco Xavier y delo que en la Índia Oriental hizieron los demas Religiosos de la Compañia de Jesus* / compuesta en lengua portuguesa por el Padre Juan de Lucena..., traduzida en castellano por el P. Alonso de Sandoval... Sevilla, por Francisco de Lyra, 1619.

48 Manuel Severim de Faria, "Discurso segundo", in *Discursos Vários Políticos*. Évora: por Manuel Carvalho, 1624, fl. 81v.

49 José Silvestre Ribeiro, *Padre João de Lucena: excerptos seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras… e outra memoria suplementar sobre os mesmos assumptos por José Felliciano de Castilho e Noronha*. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, [1868], 2 vols.

50 Refira-se que a noção de plágio não é aplicável a esta época. Durante o período renascentista e barroco são infindáveis os casos de colagem a textos anteriores sem que, por vezes, os seus autores sejam referenciados, não afectando essa situação a credibilidade dos que se socorriam dessa "colheita" noutros textos. Aliás a própria conceptualização de plágio na linguagem jurídica, aspecto importante porquanto o direito substantivo espelha uma realidade social, surge apenas no século XIX, com o positivismo jurídico. Para épocas anteriores, a questão só começa a colocar-se, de forma ainda ténue, no final do século XVII, devendo essas estreitas inspirações ser integradas na categoria de *imitatio*, não raras vezes utilizada como argumento de autoridade. Expressões como "que outros escreveram antes de nós" sobejamente utilizadas por Lucena ao longo da obra, não devem ser entendidas como Castilho o fez.

51 Georg Schurhammer, *op. cit.*, p. 605.

52 José Agostinho de Macedo, *Os Frades ou Reflexões Philosophicas sobre as Corporações Regulares*, Lisboa, Imp. Régia, 1830, p. 67.

53 Fernam Mendez Pinto, *Peregrinaçam*, Porto, Portucalense Editora, 1946, vol. VII, p. 28.

54 Sobre as possíveis interpretações da recusa de D. Luís de Ataíde veja-se Rui Manuel Loureiro, *op. cit.,* pp. 135-139.